

ÍNDICE

Nota Introdutória	13
-------------------	----

1873

Introdução	25
Gente dos velhos tempos	29
O meio social	35
Algumas coisas pessoais	47
Algumas palavras sobre a mentira	56
Uma das falsidades modernas	66

1876

Janeiro

À guisa de prefácio. Sobre a Ursa Maior e a Ursa Menor, sobre a oração do grande Goethe e os maus hábitos em geral	81
O futuro romance. De novo «uma família de acaso»	84
A festa com árvore de Natal no clube de pintores. As crianças pensadoras e as crianças de vida facilitada. «Juventude gulosa». Meninas «oui». Adolescentes aos empurrões. O capitão moscovita apressado	86
O gaiato que andava à pedincha	90
O rapazinho na festa da árvore de Cristo	91
O reformatório. Espécies humanas sombrias. A transformação de almas depravadas em almas puras. Os métodos disto reconhecidos como melhores. Os amigos pequenos e atrevidos da humanidade	95
Sociedade russa da protecção dos animais. Um correio oficial. A bebedeira. A febre de depravação e um tal Vorobiov. Desde o fim ou desde o início?	104

Espiritismo. Um pouco sobre os diabos.	
Astúcia extraordinária dos diabos, se fossem diabos	111
Um provérbio turco	118
<i>Fevereiro</i>	
Como todos nós somos boas pessoas.	
A semelhança da sociedade russa com o marechal Mac-Mahon	119
Sobre o amor pelo povo. O contrato necessário com o povo	123
O mujique Marei	126
Sobre o caso de Kroneberg	132
Um pouco dos advogados em geral. As minhas suposições ingénuas e incultas. Um pouco sobre os talentos em geral e em particular	134
O discurso do senhor Spassóvitch. Manobras hábeis	140
O pior	148
As colunas de Hércules	154
A família e as nossas coisas sagradas.	
A derradeira palavra sobre uma nova escola	158
<i>Março</i>	
A centenária	161
A «apartação»	166
Sonhos sobre a Europa	170
<i>Abril</i>	
Ideais da vida vegetal estagnada. Açambarcadores e exploradores.	
Grandes senhores que precipitam o desenvolvimento da Rússia	176
Os pequenos tipos culturais. A gente tresloucada	178
A confusão e a imprecisão dos pontos discutíveis	184
Um pouco sobre as questões políticas	189
<i>Mai</i>	
De uma carta particular	193
Nova palavra regional	194
O tribunal e a senhora Kaírova	196
O senhor advogado e Kaírova	201
O senhor advogado e Velikánova	206
<i>Junho</i>	
A morte de George Sand	211
Algumas palavras sobre George Sand	213

O meu paradoxo	219
Mais uma vez sobre as mulheres	224

Julho e Agosto

Viagem ao estrangeiro. Algumas palavras sobre os passageiros russos	229
Sobre a belicosidade dos alemães	231
A última palavra da civilização	234
Idealistas cínicos	237
A língua russa ou a língua francesa?	241
Em que língua deve falar o pai da pátria?	244

Setembro

<i>Piccola bestia</i>	250
Palavras, palavras, palavras!	256
Combinações e mais combinações	258

Outubro

Um caso simples, mas intrincado	263
---------------------------------	-----

1877

Janeiro

A sátira russa. A terra virgem. As últimas canções. As velhas recordações	271
--	-----

Fevereiro

Uma das mais importantes questões actuais	278
A «ordem do dia»	283
A «ordem do dia» na Europa	287
A solução russa da questão	289

Abril

A guerra. Somos os mais fortes	294
A guerra nem sempre é um flagelo, às vezes é uma salvação	299
A absolvição da arguida Kornílova	302

Mai e Junho

Sobre as cartas anónimas invectivadoras	304
O plano de uma novela invectivadora da vida actual	310
Antigos agricultores — futuros diplomatas	316

Julho e Agosto

A minha conversa com um dos meus conhecidos de Moscovo.	
Uma nota sobre um livro novo	326
A sede de rumores e do que «se esconde». A palavra «escondem» pode ter futuro, pelo que é preciso tomar medidas de antemão.	
De novo sobre uma família de acaso	330
O caso dos pais Djunkóvski e seus filhos	337
O discurso imaginário do presidente do tribunal	344
Outra vez uma apartação. Oitava parte de <i>Anna Karénina</i>	350
Confissões de um eslavófilo	352
<i>Anna Karénina</i> como um facto de importância especial	356
O senhor de terras que adquire a fé em Deus junto do mujique	361
A irritabilidade do amor-próprio	366
<i>Tout ce qui n'est pas expressément permis est défendu</i>	371
Sobre o conhecimento infalível que o povo russo inculto e analfabeto tem da essência da questão oriental	376
A perturbação de Lióvin. Pergunta-se: terá a distância alguma influência no humanismo? Será possível concordar com a opinião de um prisioneiro turco sobre o humanismo de algumas das nossas senhoras? O que, afinal, nos ensinam os nossos mestres?	381

Setembro

A mentira salva com outra mentira	388
As lesmas tomadas por seres humanos. O que é mais vantajoso para nós: saberem a verdade sobre nós ou contarem sobre nós disparates?	392
Uma ligeira insinuação ao futuro homem intelectual russo. O destino indubitável da futura mulher russa	396

Dezembro

O esclarecimento final de um facto anterior	400
O extracto	402
Deturpações e adulterações de factos. E... não nos custa nada	405
Os psicólogos maldosos. Os obstetras psiquiatras	410
Um caso que, a meu ver, esclarece muita coisa	412
Serei inimigo das crianças? O que significa, às vezes, a palavra «feliz»	417
A morte de Negrásov. O que foi dito no seu túmulo	421
Púchkin, Lérmontov e Negrásov	425

1873

INTRODUÇÃO

No dia 20 de Dezembro fiquei a saber que tudo já fora decidido e que me tornara redactor do jornal «O Cidadão» (*Grajdánin*). Este acontecimento extraordinário, ou seja, extraordinário para mim (não quero ofender ninguém) deu-se, aliás, de modo bastante simples. No mesmo dia 20 li no «Boletim de Moscovo» (*Moskóvskie védomosti*) um artigo sobre o casamento do imperador chinês; o artigo causou-me uma forte impressão. Este evento magnífico e, pelos vistos, muito complexo foi também espantosamente simples: fora previsto e predefinido mil anos antes, até ao ínfimo pormenor, em duzentos livros de cerimónias. Ao comparar a grandiosidade do acontecimento chinês com a minha nomeação para o cargo de redactor, senti de repente um desagrado em relação aos nossos regulamentos nacionais, apesar de a minha nomeação ter sido muito fácil, e pensei que para nós, ou seja, para mim e para o príncipe Mechiérski¹, seria incomparavelmente mais vantajoso editar «O Cidadão» na China do que aqui. Lá é tudo perfeitamente claro... Apresentar-nos-íamos, no dia marcado, na direcção-geral dos assuntos de imprensa lá deles. Depois de batermos no chão com as testas e de lambermos o soalho, pôr-nos-íamos de pé e, com as cabeças respeitosa-mente inclinadas, ergueríamos os nossos dedos indicadores. O director-geral dos assuntos de imprensa faria de conta que não reparava mais em nós do que nas moscas que penetraram na sala. Mas o terceiro ajudante do seu terceiro-secretário levantar-se-ia e, segurando nas mãos o diploma da minha nomeação, ler-nos-ia, numa voz doutrinária, embora carinhosa, um preceito estipulado pelas cerimónias. Seria tão claro e compreensível que ambos gozaríamos do infinito prazer de o ouvirmos.

1 Vladímir Mechiérski (1839-1914) — escritor e publicista russo, editor.

E se acontecesse que eu, na China, fosse tão parvo e tão puro de coração que, ao começar o trabalho com a plena consciência das minhas fracas capacidades, sentisse medo e remorsos, não tardariam a provar-me que alimentar semelhantes sentimentos era ainda mais imbecil, duplamente mais imbecil; que doravante não ia necessitar de inteligência, mesmo que a possuísse; pelo contrário, não ser dotado de inteligência seria mais seguro e mereceria maior confiança. Sem dúvida que seria muito agradável ouvir essas coisas. O terceiro ajudante do terceiro-secretário, ao finalizar o discurso com as palavras maravilhosas: «Vai, ó redactor, a partir desta hora podes comer arroz e tomar chá com uma nova tranquilidade de consciência», entregar-me-ia um belo diploma com letras douradas sobre cetim encarnado, o príncipe Mechiérski entregaria o respectivo suborno, copioso, e nós dois, após regressarmos a casa, editaríamos de imediato um excelente número de «O Cidadão», inconcebível na Rússia. Na China, faríamos edições perfeitas.

Desconfio, contudo, que na China o príncipe Mechiérski me faria uma tramóia, convidando-me para o trabalho de redactor com o intuito de eu o substituir na direcção-geral dos assuntos da imprensa de cada vez que fosse lá convocado para uma ensinadela com paus de bambu nos calcanhares. Mas levar-lhe-ia a melhor na astúcia: deixaria de publicar o seu «Bismarck»² e começaria a escrever artigos impecáveis — então, seria convocado, dia sim, dia não, para as sessões de bambu. Em compensação, aprenderia a escrever.

Na China, escreveria maravilhosamente; aqui na Rússia é muito mais difícil. Lá, tudo está previsto e calculado para mil anos; ora, aqui está tudo virado de pernas para o ar para mil anos. Lá, escreveria de modo compreensível, mesmo sem querer, pelo que nem sei quem gostaria de me ler. Aqui, para conseguir que nos leiam até se torna mais vantajoso escrever de modo incompreensível. Só no «Boletim de Moscovo» os artigos de fundo se escrevem em coluna e meia e — que espanto! — de modo compreensível; e mesmo nesses casos apenas quando pertencem a uma pena conhecida. No «Góloss» escrevem-se em oito, dez, doze e até treze colunas. Portanto, é este o número de colunas necessárias para se obter respeito.

Entre nós, falar com os outros é uma ciência, ou seja, à primeira vista é como na China, tal qual; tanto lá como aqui há vários métodos muito simplificados e puramente científicos. Dantes, por exemplo, as

2 Romance *Um dos Nossos Bismarck*, de Vladímir Mechiérski, publicado em «O Cidadão» em 1872-1873.

palavras «não compreendo nada» significavam somente a estupidez de quem as pronunciava — entretanto, hoje, prestam-lhe grandes honras. Basta que alguém pronuncie aberta e orgulhosamente: «Não compreendo a religião, não compreendo nada da Rússia, não compreendo nadinha de arte» — e logo se alcançam as alturas inatingíveis. O que é ainda mais vantajoso para quem, de facto, não percebe patavina daquilo.

Só que esta manobra simplificada não prova nada. No fundo, entre nós, cada um suspeita da estupidez do outro sem qualquer reflexão e sem colocar a pergunta inversa: «Não serei eu quem, na verdade, é parvo?» A situação é satisfatória para todos, contudo ninguém está contente com ela, anda toda a gente arrenegada. Além do mais, a reflexão, nos nossos dias, também é quase impossível: sai cara. Aliás, compram-se ideias feitas. Estão à venda em todo o lado, são uma pechincha, quase de borla; mas acontece que já começou a pressentir-se que o barato sai ainda mais caro. Por consequência, não há nisto vantagem nenhuma, a desordem continua como dantes.

Provavelmente, somos o mesmo que a China, mas sem a ordem reinante na China. Ainda mal começámos o que na China já está a acabar. Chegaremos garantidamente ao mesmo final, mas quando? Para se conceber mil volumes de «Cerimónias», com a finalidade de se ganhar o direito a não reflectir em nada, precisamos de viver pelo menos mais um milénio de reflexões desconexas. E como é? Ninguém quer abreviar o prazo porque ninguém deseja reflectir realmente.

Há mais uma verdade: já que ninguém deseja reflectir, a situação do literato russo é, aparentemente, mais fácil. Bem, é na realidade mais fácil; ai do literato e do editor que, nos nossos tempos, se ponha a reflectir. Ainda mais infeliz será aquele que, de *motu proprio*, queira aprender e compreender; mas uma infelicidade ainda maior está destinada a quem o anuncie com sinceridade; ora, se declarar que já compreendeu uma migalha de qualquer coisa e desejar exprimir a sua ideia, será de imediato abandonado por todos. Não terá outro remédio senão arranjar algum homenzinho adequado, ou mesmo contratá-lo, e conversar só com ele; ou talvez editar um jornal unicamente para ele. Esta situação é abominável porque é o mesmo que falar sozinho e editar um jornal só para o seu próprio prazer. Desconfio muito que «O Cidadão» terá ainda durante muito tempo de falar apenas de si para si e para o seu próprio prazer. Ainda por cima, de acordo com a medicina, falar sozinho significa predisposição para a loucura. «O Cidadão» precisa de conversar com os cidadãos, é nisso que consiste toda a sua dificuldade!

Bem, é esta a edição em que me envolvi. A minha situação está muito indefinida. Mas vou falar de mim para mim e para o meu próprio prazer, em forma deste diário, e logo se vê. De que vou falar? De tudo o que me impressionar ou me fizer pensar. Ora, se encontrar um leitor ou, Deus me guarde, um oponente, terei de saber conversar e perceber com quem e como se conversa. Tentarei aprendê-lo, o que, em literatura, é para nós o mais difícil. Além disso, há oponentes de vários géneros: não é com todos que é possível encetar uma conversa. Vou contar uma fábula, ouvi-a há alguns dias. Dizem que é antiga, provavelmente de origem hindu, e sabê-lo é um grande alívio.

Uma vez, um porco discutiu com um leão e desafiou-o para um duelo. Ao voltar para casa, caiu em si e acobardou-se. Toda a vara suína se juntou, ponderou o caso e decidiu:

— Ouve, porco, aqui perto há um fosso; vai rebolar-te nele e apresenta-te nesse preparo ao duelo. Verás no que isso vai dar.

E foi o que o porco fez. O leão chegou ao local, cheirou, franziu o focinho, deu meia-volta e foi-se embora. Muito tempo depois disso, o porco andou a gabar-se de que o leão se acobardara e fugira do campo de batalha.

Eis a fábula. É claro que não temos cá leões — o clima não é adequado e, mesmo que o fosse, seria uma coisa majestosa demais. Mas ponham no lugar do leão um homem decente, como deve ser cada um de nós, e a moral será a mesma.

A propósito, vou contar mais uma historieta.

Uma vez, em conversa com Herzen³, que Deus tenha, louvei muito uma obra dele, *Da Outra Margem*. (Este livro, para meu enorme prazer, foi também elogiado por Mikhaíl Petróvitch Pogódin⁴ no seu excelente e interessantíssimo artigo sobre o seu encontro com Herzen no estrangeiro.) O livro apresenta-se sob a forma de diálogo de Herzen com o seu oponente.

— Gostei ainda muito — disse eu de passagem — do facto de o seu oponente ser também muito inteligente. Tem de concordar que, muitas vezes, ele o encosta à parede.

3 Aleksandr Herzen (1812-1870) — revolucionário, escritor, filósofo e publicista russo. Em 1847 emigrou para Paris, passados dois anos mudou-se para Genebra e, em 1852, para Londres, onde fundou a Tipografia Russa Livre. A partir de 1855, editou o almanaque «Estrela Polar» (*Poliárnaia zvezdá*) e, a partir de 1857, o jornal «Sino» (*Kólokol*).

4 Mikhaíl Pogódin (1800-1875) — historiador russo, professor da Universidade de Moscovo. Aqui trata-se do seu artigo «A. I. Herzen» (*Zariá*, 1870, n.º 2).

— Mas é nisso que está o essencial — riu-se Herzen. — Vou contar-lhe um caso. Uma ocasião, em Petersburgo, Belínski⁵ levou-me a casa dele e obrigou-me a ouvir um seu artigo, escrito com muito ardor: «Uma Conversa entre o Senhor A. e o Senhor B.». Nele, o senhor A., ou seja, o próprio Belínski, é apresentado como possuidor de uma grande inteligência, enquanto o senhor B., seu oponente, nem por isso. Quando Belínski acabou a leitura, perguntou-me com uma expectativa febril:

— Então, o que achas?

— Bom artigo, nada a dizer, e mostra que és muito inteligente, mas será que valia a pena perderes tempo com um parvo desses?

Belínski deixou-se cair no sofá, de cara sobre a almofada, e gritou, rindo às gargalhadas:

— Com essa mataste-me! Degolaste-me!

GENTE DOS VELHOS TEMPOS

Este episódio sobre Belínski lembrou-me a minha estreia na carreira literária, muitíssimos anos antes; eram tempos tristes e fatais para mim. Recordei precisamente o Belínski como ele era quando o conheci e como me recebeu. Hoje recordo muito as pessoas dos velhos tempos, isto porque me encontro com gente nova, é claro. Era o ser mais extasiado de todos os que vi na vida. Herzen era de um género muito diferente: fruto da nossa fidalguia, *gentilhomme russe et citoyen du monde*⁶, antes de mais — um tipo que apareceu somente na Rússia e é impossível em qualquer outra parte do mundo. Herzen não emigrou nem deu início à emigração russa; nada disso: ele era emigrado de nascença. Todas as pessoas semelhantes a ele já nasciam como emigradas, embora a maioria delas não fosse sair da Rússia. Nos últimos cento e cinquenta anos da existência da fidalguia russa, putrificaram-se — com mínimas excepções — as suas últimas raízes, ficaram abaladas as suas últimas ligações com a terra russa e a verdade russa. Parece que a própria história predestinou Herzen a tornar-se, na forma mais expressiva, uma manifestação desta ruptura com o povo por parte de uma grande maioria da nossa classe culta. Neste sentido, é um tipo histórico. Ao

5 Vissáron Belínski (1811-1848) — crítico literário e publicista russo.

6 Cavalheiro russo e cidadão do mundo (fr.).

separarem-se do povo, perderam também Deus, naturalmente. Entre eles, os mais desassossegados tornaram-se ateus; os molengões e os acomodaticios tornaram-se indiferentes. Não alimentavam senão desprezo pelo povo russo, imaginando e crendo, ao mesmo tempo, que o amavam e lhe desejavam o melhor. Amavam-no pela negativa, imaginando em vez dele um qualquer povo ideal, o povo que deveria ser, pelos conceitos deles, o povo russo. Na imaginação de alguns representantes progressistas da maioria, o povo ideal transformava-se, por vezes, na ralé parisiense do ano de 1793. Na época, era esse o mais sedutor ideal de um povo. É óbvio que Herzen devia tornar-se socialista e fazê-lo exactamente como o faz um fidalgo russo, ou seja, sem qualquer necessidade e objectivo, apenas em resultado da «sequência lógica das ideias» e do vazio espiritual que sentia na pátria. Rejeitou as bases da sociedade e a família, embora, ao que parece, fosse um bom pai e marido. Negava a propriedade privada, mas à espera da sua eliminação conseguiu organizar bem os seus negócios e viveu no estrangeiro, deliciando-se com a sua abastança. Promovia revoluções e incitava os outros a realizá-las, mas gostava do conforto e do sossego na família. Era um artista, um pensador, um brilhante escritor, homem de muitas leituras, de um grande sentido de humor, um interlocutor espantoso (falava ainda melhor do que escrevia), de reflexões magníficas. A reflexão, a capacidade de transformar o seu mais profundo sentimento num objecto, colocá-lo diante de si, reverenciá-lo e, talvez, ridicularizá-lo logo a seguir, estavam altamente desenvolvidas nele. Era, sem dúvida, um homem extraordinário; mas em tudo, fosse o que fosse que empreendia — escrever cadernos, editar um jornal juntamente com Proudhon⁷, ir às barricadas em Paris (o que descreveu com muita comicidade nos seus apontamentos), sofrer, alegrar-se, ter dúvidas, enviar à Rússia, em 1863, o seu apelo aos revolucionários russos a favor dos polacos⁸, sem acreditar, ao mesmo tempo, nos polacos, sabendo que estes o enganaram e sabendo que, com esse apelo, estava a levar à perdição centenas de jovens desgraçados, confessando-o com uma inédita ingenuidade num dos seus artigos posteriores, sem qualquer consciência do aspecto com que se apresentava nesta confissão —, sempre, por todo o lado e durante toda a sua vida, continuava a ser, antes de mais,

⁷ Herzen era colaborador do jornal *La Voix du Peuple* editado pelo publicista, sociólogo e teórico do anarquismo francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1865).

⁸ O motivo disso foi a Insurreição Polaca, de 1863-1864, pela independência da Polónia que estava sob o poder do Império Russo.

um *gentilhomme russe et citoyen du monde*, por outras palavras, não mais do que o fruto do antigo regime de servidão que ele tanto odiava e de que era originário, não só como filho do seu pai, mas antes porque rompera com a terra materna e os seus ideais. Belínski, pelo contrário, não era nenhum *gentilhomme* (sei lá de que origem era, parece que o seu era médico militar).

Belínski não era, sobretudo, um homem muito dado às reflexões, e sim um exaltado sem reservas durante toda a vida. A minha primeira novela *Gente Pobre* causou-lhe admiração (mais tarde, passado quase um ano, entrámos em divergência, por vários motivos, aliás insignificantes em todos os sentidos); ora, nos primeiros dias do nosso conhecimento, afeiçoado a mim de todo o coração, lançou-se, com a mais ingénuo sofreguidão, na tarefa de me converter à sua fé. Não estou a sobrestimar os seus calorosos sentimentos por mim, pelo menos nos primeiros meses do nosso conhecimento. Conheci-o como um socialista fogoso, que, logo de início, começou a pregar-me o ateísmo. Para mim, o mais significativo nele é precisamente isto: o seu faro espantoso e a sua capacidade extraordinária de se impregnar profundamente de uma ideia. A Internacional, num dos seus apelos de há dois anos, começou logo com uma notável declaração: «Somos, antes de mais, uma sociedade ateísta», ou seja, começou com a essência da questão; Belínski começou com a mesma coisa. Dando o mais alto valor à razão, à ciência e ao realismo, compreendia ao mesmo tempo, e de modo mais profundo do que todos, que a razão, a ciência e o realismo sozinhos podiam criar apenas um formigueiro, e não uma «harmonia» social em que seria possível viver para o homem. Sabia que na base de tudo estavam os princípios morais. Acreditava loucamente e sem qualquer reflexão, apenas com arrebatamento, nas novas bases morais do socialismo (que, no entanto, não indicou até hoje base nenhuma, além de perversões abomináveis da natureza e do senso comum). Contudo, sendo um socialista, devia antes de mais destronar o cristianismo; sabia que a revolução devia, sem falta, começar pelo ateísmo. Precisava de destronar aquela religião que gerou as bases morais da sociedade que rejeitava. Família, propriedade, responsabilidade moral do indivíduo — negava peremptoriamente tudo isso. (A propósito, também era bom marido e pai, tal como Herzen.) Compreendia sem dúvida que, ao rejeitar a responsabilidade moral do indivíduo, rejeitava com isso mesmo a sua liberdade; mas acreditava com todo o seu ser (com muito maior cegueira do que a de Herzen, que, ao que parece, acabou por duvidar) que o so-

cialismo não só não destruía a liberdade do indivíduo, mas, pelo contrário, a restabelecia numa inédita grandeza, embora em fundamentos novos e diamantinos.

Restava, contudo, a personalidade luminosa do próprio Cristo, a mais difícil de combater. Na sua condição de socialista, tinha necessidade de destruir a doutrina de Cristo, chamando-lhe humanismo falso e ignorante, censurado pela ciência moderna e pelos princípios económicos; mesmo assim, restava a imagem preclara de Deus feito Homem, a sua inacessibilidade moral, a sua beleza divina e milagrosa. Mas Belínski, no seu entusiasmo permanente e inapagável, não parou sequer perante este obstáculo intransponível, ao contrário de Renan⁹, que proclamou no seu livro *Vie de Jésus*, cheio de descrença, que, fosse como fosse, Jesus era o ideal da beleza humana, um ideal inatingível, impossível de se repetir, mesmo no futuro.

— Sabia o senhor — guinchava Belínski uma vez à noite (quando se esquentava, soltava guinchos), dirigindo-se a mim —, sabia o senhor que não se pode imputar pecados ao homem e onerá-lo com deveres e com as faces oferecidas às bofetadas quando a sociedade está organizada de modo tão vil que o homem não pode evitar cometer a perversidade, que é impelido a cometê-la pelo sistema económico; sabia que é absurdo e cruel exigir ao homem o que é incapaz de cumprir, mesmo que o queira, pelas próprias leis da natureza...

Naquela noite não estávamos a sós, estava presente um amigo de Belínski que este respeitava muito e a quem dava ouvidos, e ainda um literato jovem e principiante, que, mais tarde, ganharia fama na literatura.

— Olho para ele e até me sinto comovido — interrompeu Belínski, de repente, as suas exclamações excitadas, dirigindo-se ao amigo e apontando para mim. — De cada vez que menciono Cristo, a sua cara fica transtornada, parece que está prestes a chorar... Mas acredite, seu ingénuo — voltou a atirar-se a mim —, acredite que o seu Cristo, se nascesse nos nossos tempos, seria o mais vulgar e insignificante dos homens, um acanhado perante a ciência moderna e as actuais forças motrizes da humanidade.

— Não, não! — replicou o amigo de Belínski. (Lembro-me que nós estávamos sentados e ele se passeava pela sala, de um lado para o outro.) — Não: se Cristo aparecesse hoje em dia, ia aderir ao movimento e encabeçá-lo-ia...

⁹ Joseph Ernest Renan (1823-1892) — escritor e historiador francês. No seu livro *Vie de Jésus* apresentou Jesus Cristo como um homem ideal, e não como uma divindade.